

UMA BRASILEIRA INDEPENDENTE,

por Cassiano Viana

preparada para atuar de maneira global

Empresa brasileira independente de E&P, a Starfish Oil & Gas conseguiu consolidar uma trajetória bem sucedida em menos de uma década de atividades: contabiliza um belo índice de sucesso exploratório – com quatro descobertas em dez perfurações – e participa em 19 blocos, além de já ter um campo em produção, em uma área de concessão da Bahia, de 1.331 km². Nada mau para uma empresa que nasceu há apenas nove anos (1999) e hoje tem reservas certificadas de 1,02 milhão de barris de óleo equivalente (boe) e um capital social de R\$ 82,365 milhões, expresso em 502,62 mil ações ordinárias, distribuídas entre cerca de 80 acionistas domiciliados no Brasil e no exterior.

“ESTAMOS NOS ESTRUTURANDO para ter nova operação no mar”, anuncia Rafael Dória Neto, atual presidente da Starfish Oil & Gas, em entrevista exclusiva à **TN Petróleo**, indicando que a empresa pretende avançar mar adentro. Na realidade, a meta é participar também de licitações no exterior. “Hoje somos a primeira independente brasileira a atuar exclusivamente na área de E&P no Brasil e no exterior, pois já somos classificadas para operar em Angola. Pretendemos participar da rodada que deve ocorrer nesse ano, uma vez que a que estava prevista para 2008 foi adiada devido às eleições.”

A empresa fechou 2008 anunciando uma descoberta de óleo no poço Cajueiro-1, em Sergipe: um teste de formação, com vazão esti-

mada de 140 barris por dia de óleo leve (38ºAPI) foi realizado em dezembro, dentro do Plano de Avaliação aprovado pela Agência Nacional do Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis (ANP). Com isso, Cajueiro-1 tem grandes chances de se tornar o poço descobridor do terceiro campo da Starfish, sendo o primeiro na Bacia de Sergipe-Alagoas. “Estamos em fase de preparação de um teste de longa duração para melhor avaliar a extensão da descoberta”, afirma Dória.

TN Petróleo – Como nasceu a Starfish?

Rafael Dória – Ela nasceu em 1999 quando um grupo de ex-funcionários da Petrobras começou a dar assessoria a uma firma austra-

liana. Durante esse processo, em meio à Rodada Zero, o grupo percebeu que existia ali a oportunidade de ingressar no setor como operador. Começamos com participações modestas, nos campos de Coral e Estrela do Mar (localizados a 170 km da costa de Santa Catarina, na parte sudoeste da Bacia de Santos), além de um bloco de exploração chamada de BS-3, na mesma bacia. A Petrobras, naquela época, estava cedendo essas concessões a troco de um ‘carrego’, ou seja, em troca de investimentos em ativos – bloco ou campo... os parceiros ganhavam uma participação. O ‘carrego’ era sustentar toda a parte de desenvolvimento nos campos de Coral (2003) e Cavalo-marinho (2001).



A STARFISH OIL & GAS NASCEU EM 1999 QUANDO UM GRUPO DE EX-FUNCIONÁRIOS DA PETROBRAS COMEÇOU A DAR ASSESSORIA A UMA FIRMA AUSTRALIANA. COMEÇAMOS COM PARTICIPAÇÕES MODESTAS, NOS CAMPOS DE CORAL E ESTRELA DO MAR, ALÉM DE UM BLOCO DE EXPLORAÇÃO CHAMADA DE BS-3.





O que motivou a saída de Coral?

O alto custo. Achávamos que o campo era de um risco muito grande para uma companhia do tamanho da Starfish, ficávamos em má situação financeira. Foi uma boa decisão focar, naquele momento, na atividade *onshore*, e se possível, sempre como operador e em associação, que é, até hoje, a filosofia da Starfish: trabalhar em parceria.

Quando foi que vocês começaram a ampliar o portfólio?

Em 2003 começamos a focar na parte de terra, sobretudo no Recôncavo Baiano. Dois anos depois, ocorreu a reestruturação da companhia. Eu assumi a presidência e o Miura (Kazumi Miura, atual diretor executivo da Starfish) continuou como diretor de Exploração. Foi nessa época que saímos do campo de Coral. O resultado da venda de nossa participação nesse ativo foi investido na exploração *onshore*. Criamos nosso portfólio atual a partir daí. Chegamos a ter 20 blocos *onshore*. Eventos marcantes ocorreriam a partir de 2007. Foi um ano de mudanças, com a constituição de empresas subsidiárias (Guanambi Exploração e Produção de Petróleo Ltda., Starfish Drilling B.V. e Pangéia Afretamento de Equipamento de



A STARFISH É UMA COMPANHIA PREPARADA PARA ATUAR DE MANEIRA GLOBAL, NOS MOLDES DE QUALQUER COMPANHIA INTERNACIONAL. É UMA PORTA DE ENTRADA PARA AS COMPANHIAS QUE QUEREM TRABALHAR NO BRASIL E CONHECER O MERCADO BRASILEIRO.



Petróleo Ltda), aquisição de uma moderna sonda de perfuração terrestre e a contratação de novos colaboradores. A formação dessas empresas visou dar suporte à Companhia no cumprimento dos programas assumidos junto à ANP.

Foi o ano que marcou o retorno para a área *offshore*?

Sim. Em 2007 obtivemos os primeiros resultados dos investimentos exploratórios nas bacias terrestres, com descobertas no Recôncavo Baiano, além de participar na Nona Rodada de Licitações da ANP, quando adquiriu a concessão de 11 blocos exploratórios, três dos quais marítimos: dois na Bacia de Campos (C-M-498 e C-M-622), em profundidades de até 400 m, e um na Bacia de Santos (S-M-225). Trata-se de blocos com excelentes *leads* já mapeados e próximos de vários cam-

pos produtores de petróleo. Como somos qualificados pela ANP para perfurar até 400 m, como operador B, partimos para a exploração do bloco *offshore* junto com a Petrobras e a Sonangol.

Em tempos de crise, a parceria se mostra fundamental, não?

Essa é uma máxima nossa. Hoje, além da Petrobras, temos mais cinco sócios, de distintas nacionalidades, nos diversos blocos—suíço, escocês, norueguês (Norse), angolano e colombiano. Nossa documentação hoje tem nível internacional. Penso que a Starfish talvez seja uma das poucas companhias totalmente estruturadas para trabalhar em parceria, em *joint ventures*. Nossa estrutura é muito transparente, o parceiro é um auditor diário, que está o tempo todo aqui discutindo os projetos. Temos necessidade de sermos transparentes. Você pode auditar a companhia de forma remota, *on-line*. Gerencialmente, isso é muito saudável. Dessa forma, temos uma análise crítica de nossos prospectos, afinal, trabalhar em parceria é sofrer a crítica e análise dos sócios até chegar em um consenso. Isso enriquece nosso trabalho. A Starfish é uma companhia preparada para atuar de maneira global, nos moldes de qualquer companhia internacional. É uma porta de entrada para as companhias que querem trabalhar no Brasil e conhecer o mercado brasileiro. Além disso, há toda uma interação com as parceira, o que proporciona uma transferência de conhecimento e tecnologia. Tirando outras companhias como a Shell e a Queiroz Galvão, que é outra escala, somos a única empresa independente que opera para a Petrobras.

Qual a filosofia de trabalho da Starfish e que explicaria seu sucesso?

Nossa filosofia decorre de uma série de políticas internas que visam, em primeiro lugar, mitigar o risco. Dependemos de capital e capital é muito caro. Temos que fazer o máximo de "tiros" (na sísmica, para fazer o levantamento de uma área com potencial), desenvolver o maior número de blocos possíveis, e sempre como operador. Prezamos a excelência como operadora e temos a firme convicção de que se trata de uma política fundamental para a credibilidade e para a conquista de novas parcerias e incremento dos negócios. Não somos o braço de uma companhia de engenharia como são a maioria das empresas. Somos uma empresa preparada para a exploração e produção desde a nossa gênese. Nosso *core business* é a E&P. Não temos gasoduto, oleoduto, refinaria, distribuição. E nem está em nossos planos. A companhia foi con-

cebida dessa forma. O modo de atuação nosso é completamente diferente.

Vocês investem pesado em tecnologia?

Tecnologicamente falando, fazemos sísmica 3D de todos os blocos e o uso intensivo de novas tecnologias. As bacias terrestres estão em estágio maduro de exploração e requerem aplicação de Sísmica 3D. Os grandes campos a Petrobras já descobriu. Temos que trabalhar tecnologia moderna para podermos mapear estruturas menores. Para nós, campos com três a dez milhões de barris já representam um bom negócio. Esse é o nosso *target*. E essas bacias têm infraestrutura de transporte e processamento da Petrobras, o que as tornam economicamente viável, com uma boa expectativa de garimpo. A política é a

mesma para *offshore*. Mas a escala muda. Trabalhamos também com sísmica 3D em águas rasas, que é o nosso foco. No mar estamos procurando campos entre 70 e 200 milhões de barris.

Qual o tamanho do capital humano da Starfish?

Somos uma companhia enxuta, operamos a um custo baixo. Nossa estrutura hoje consta de 35 pessoas do corpo técnico (engenheiros, geólogos e geofísicos). Existem juniores que estão 'sendo criados' na Starfish, desde estagiários: começaram ainda na sala de aula e hoje estão efetivos. Profissionais com pouco mais de 22 anos dando prospectos de US\$ 5 milhões, acompanhando poços e fazendo testes. Nossa ideia é mesclar pessoal jovem com pessoas experientes para formar um time eficiente.

LANÇAMENTO

caderno de

Compromisso em divulgar e disseminar iniciativas nas áreas de responsabilidade social e desenvolvimento sustentável no setor de Petróleo, Gás e Energias Alternativas.

Mais informações:
(21) 3221-7500

sustentabilidade

TUBOS e CONEXÕES PVC / C-PVC SCHEDULE 80



- Certificação Naval: Bureau Veritas "Type Approval"
- Vários fornecimentos já efetuados para Petrobrás

Linha completa de conexões:
Joelhos, Tês, Luvas, Adaptadores, Flanges, Uniãoes, etc. De 1/2" a 10".

GRANDE ESTOQUE PARA ATENDIMENTO IMEDIATO

Consulte-nos: **VÁLVULAS TERMOPLÁSTICAS INDUSTRIAIS**

WWW.AERODINAMICA.com
Equipamentos Industriais

Fone: (11) 3718-1818 vendas@aerodinamica.com



Temos um programa de treinamento, convênios que não são formais, com a Uerj para o setor de geologia de petróleo, com a PUC na parte de engenharia de petróleo e com UFF, na parte de geofísica, com a UFRJ, na engenharia, por exemplo, para desenvolver a parte de treinamento. Damos apoio para nossos funcionários fazerem mestrados. Ainda não temos PhDs, mas vamos chegar lá.

Como você vê o cenário *onshore* brasileiro?

O Brasil *onshore* é muito mal explorado. Tirando as bacias maduras que estão superexploradas e o fato só poderem ser feitos campos pequenos agora. Existe um mundo a ser explorado, nas bacias de novas fronteiras. Na realidade, o pré-sal é uma vitória da Petrobras, como nova fronteira. Com resultado fantástico. De alguma forma, esse mesmo espírito deve ser aplicado nas bacias terrestres, deixadas de mão muito tempo.

Mas há boas perspectivas com os avanços na recuperação de poços, não?

No que diz respeito à recuperação dos poços, por exemplo, mais além das descobertas, a Petrobras, por meio do Cenpes, tem feito avan-



NA STARFISH, TRABALHAMOS COM AÇÕES, ACIONISTAS. NOSSA PERFORMANCE EXPLORATÓRIA É MUITO BOA. JÁ FURAMOS, DE 2007 PARA CÁ, DEZ POÇOS. NELES, JÁ TEMOS CINCO DESCOBERTAS, UMA DELAS EM PRODUÇÃO – O CAMPO DE GUANAMBI, NO COMPARTIMENTO SUL DA BACIA DO RECÔNCAVO, NO ESTADO DA BAHIA, PRÓXIMO A SALVADOR.



ços incríveis na pesquisas de recuperação secundária. É o caso do campo de Carmópolis, na bacia de Sergipe-Alagoas, descoberto em 1963, de óleo pesado, um dos maiores campos terrestres do Brasil. Naquela época se falava em recuperação de 8%. Hoje a expectativa de recuperação é de 34%. É muita coisa. Em outros campos, mais antigos ainda, como os existentes na Bahia, fala-se em recuperação de 70%. São campos que ficam parte

onshore e parte *offshore*. Mas a recuperação secundária e terciária é para quem detém os campos, como a Petrobras. Nós estamos no início, na exploração primária. Vamos trabalhar primeiro os poços para depois trabalhar a recuperação.

Qual a sua avaliação do processo de licitação no país?

Nosso arcabouço regulatório é muito interessante, muito bem feito, transparente. Você sabe, na hora da licitação, quem ganhou. Em nove rodadas, nunca ninguém reclamou. O que é preciso é maior apoio, sobretudo do governo, para a ANP, que precisa trabalhar na plenitude para a qual foi estruturada. Estávamos falando que o *onshore* precisa ser explorado, mas a ANP precisa atrair os projetos, fazer sísmica 2D, financiar estudos nessas áreas para torná-las mais atrativas para o empresariado. Antes de colocar uma bacia de nova fronteira, ela poderia fazer esse estudo próprio de uma agência reguladora. Ela precisa entusiasmar, divulgar informações para que o investidor conheça a bacia primeiro. A ANP foi estruturada para fazer esses estudos. Ela tem, ou deveria ter, estrutura financeira para isso. Para motivar o interesse. De outra forma, é uma aventura. Quando há pouca informação, há muito pouco interesse do empresariado pela Rodada. Logo, os bônus vão ser baixos e os candidatos vão ser poucos. Do contrário, com investimentos em informação, ela vai conseguir retorno com os bônus. A estrutura da ANP é muito boa, mas ela muitas vezes tem atuação limitada.

O que você achou da Décima Rodada da ANP?

Ela superou minha expectativa. No entanto, não muda muito o cenário *onshore*. A grande novidade mesmo foi a participação da Shell no leilão. Isso mostra que uma gran-

de petroleira está vendo algo que até então não era visto pelas outras. A ANP ofereceu muitas bacias em novas fronteiras, mas com muito pouca informação. Ela fez o que pôde. Mas seria muito mais interessante se ela tivesse investido mais nessas bacias antes de colocá-las no mercado.

Quais os grandes desafios das companhias brasileiras de petróleo?

Infelizmente, o país não possui muitas histórias de sucesso nesses últimos anos. A percepção do risco exploratório é muito deturpada. As empresas acham que vão furar um poço e ficar imediatamente ricas. É preciso preparar uma estrutura financeira, sabendo que existem 20 a 25% de chances de sucesso. De dez poços sete serão perdidos. Esse é o princípio básico no mundo todo. É preciso muito dinheiro para ter uma companhia de petróleo explorando e bancando 100% das operações. Não é a realidade nacional. Além do que, é preciso levar em consideração os períodos muito curtos para os blocos *onshore*. Os blocos *onshore* passaram de dois para três anos. Não se consegue fazer muito. É preciso licença ambiental, levantar sísmica. É um processo demorado. Nossa estratégia é fazer as parcerias, o acordo com os potenciais parceiros, antes das Rodadas. E assim fazemos o estudo e tomamos as decisões juntos.

O que compensa o alto risco?

O capital exploratório é um capital de altos riscos, mas também de altos prêmios. O empresariado brasileiro precisa começar a entender

isso. Na Starfish, trabalhamos com ações, acionistas. Nossa *performance* exploratória é muito boa. Já furamos, de 2007 para cá, dez poços. Neles, já temos cinco descobertas, uma delas em produção – o campo de Guanambi, no compartimento Sul da Bacia do Recôncavo, no estado da Bahia, próximo a Salvador (40 km). Ele foi descoberto em fevereiro de 2007 e começou a produzir em março de 2008. A Petrobras opera esse bloco, que tem plano de desenvolvimento já aprovado pela Agência. Das outras quatro descobertas na Bahia, duas são operadas pela Petrobras e estão em fase de teste – uma delas, com indícios de gás natural – e as outras duas, operadas pela Starfish, estão em fase de avaliação, mas com boas perspectivas. A nossa ideia é desenvolver, em curto prazo, essas acumulações e ter uma produção mais estável.

Qual é o horizonte da Starfish?

No ano passado entramos no mar. Ou melhor, retornamos ao mar. Nosso foco daqui para a frente vai ser operar no mar. Estamos nos estruturando para ter uma operação no mar, adquirindo sísmica, e para interpretar esses dados. Nossa expectativa era que houvesse mais uma oferta de blocos no mar. Esperamos que no ano que vem haja uma oferta tanto de *onshore* quanto de *offshore*. A renovação tem que ser constante para você manter o seu perfil de trabalho. Em Angola, a gente pretende participar da Rodada que deve ocorrer nesse ano. Era para ser no ano passado, mas foi adiada pelas eleições. Somos classificados para operar em Angola.

Vocês anunciaram, em dezembro, a descoberta de óleo no poço Cajueiro-1 em Sergipe, não?

O Consórcio operado pela Starfish Oil & Gas em parceria com a Petrobras concluiu em meados de agosto a perfuração do poço 1-Star-5D-SE (Cajueiro-1-SE) no Bloco Seal-T-462, na porção terrestre da Bacia de Sergipe e Alagoas. A perfilagem final indicou a presença de óleo em arenitos da Formação Barra de Itiuba no intervalo 2.295 a 2.303 m.

Dentro do Plano de Avaliação aprovado pela ANP, foi realizado com sucesso, no início de dezembro, um teste de formação com vazão estimada de 140 barris por dia de óleo leve com 38º API. Posteriormente, foi encaminhada à Agência solicitação para a realização de teste de longa duração para melhor definição do potencial da descoberta.

Cajueiro-1 tem grandes chances de se tornar o poço descobridor do nosso terceiro campo e o primeiro na Bacia de Sergipe-Alagoas. Os outros dois campos são na Bacia do Recôncavo, o campo Guanambi do consórcio Starfish e Petrobras (operador) já em produção e o campo de Maritaca do Consórcio Starfish (operador) e Somoil, em fase de preparação do Plano de Desenvolvimento.

Estamos em fase de preparação de um teste de longa duração para melhor avaliar a extensão da descoberta. Esperamos em breve confirmar outra descoberta na Bacia do Recôncavo. Além dessas áreas promissoras, mais cinco poços exploratórios serão perfurados pela Starfish até o início de janeiro. ■

Newsletter TN Petróleo

Diariamente, na tela do seu computador, as informações do setor naval e offshore. Assine em www.tnpetroleo.com.br